

## **A Diplomacia Universitária como alternativa à mercantilização dos processos de internacionalização das Universidades: um estudo de caso comparado entre a UE e o MERCOSUL**

O trabalho visa discutir o impacto no âmbito da educação que as relações internacionais experimentaram com o surgimento da Globalização que, além de transformar em mercadoria e, pois, fazer circular, pessoas, bens e capitais antes circunscritos aos Estados Nacionais, propiciaram a organização destes em blocos, com cariz mais econômico e menos político que pautou tais construções durante a Guerra Fria. Assim, a educação superior passa a ocupar lugar de destaque a partir da expansão de suas instituições, de que são exemplo o Espaço Europeu do Conhecimento e o Setor Educacional do Mercado Comum do Sul - MERCOSUL, focados na internacionalização de suas Universidades, as quais, em que pese a origem cultural comum (ibérica), adotam estratégias distintas. Tal situação oportuniza um incipiente Estudo Comparado enquanto Método de Abordagem, pautado pela análise documental (Programas e Projetos dos organismos comunitários e intergovernamentais) e pela Revisão Bibliográfica da temática, aportando informações determinantes para os rumos da proposta latino-americana, em razão da experiência mais antiga e consolidada na Europa, com o Processo de Bolonha que tem no Cone Sul seus reflexos, também. Tais iniciativas contemplam, também, ações no campo da Diplomacia, podendo ir desde aquela mais tradicional (econômica), passando pela dita *soft power* (cultural) e chegando mesmo à recente para-diplomacia (local), embora nenhuma delas fuja ao caráter de políticas de Estado (ainda que variem conforme a ideologia do Governo no poder). Da análise comparativa, porém, das ações com vistas à estruturação de arranjos institucionais regionais neste campo, conclui-se a possibilidade de entrever um terceiro gênero, a que se denomina Diplomacia Universitária, pautada na característica fundamental destas instituições – a autonomia – e que pode conferir à Globalização seu caráter genuíno, realmente humano e, pois, inclusivo, ou seja, a sustentabilidade que este fenômeno não poderá experimentar em outros domínios, especialmente na economia, sua faceta mais visível.

### **Palavras-Chave:**

Educação Superior; Internacionalização, União Europeia; MERCOSUL; Diplomacia Universitária

## **Introdução**

As inovações na Educação - no âmbito da chamada Economia do Conhecimento - com foco na Internacionalização das instituições de ensino superior, têm sido correntes em ambos os lados do Atlântico, não se podendo, de antemão, avaliá-las unicamente com boas ou ruins, mas certamente diferentes, fruto, talvez, dos aspectos conjunturais e contextuais que as caracterizam.

Disso, porém, não se deduz a impossibilidade de compará-las e até mesmo delas retirar lições, pois que se algo têm em comum é o fato de que passam pela relação entre a Sociedade e o Mercado, mediada pelo Estado, o qual pode atuar ora num sentido mais regulador - garantindo a livre iniciativa - ora como interventor, para a proteção do interesse público.

Esta cooperação transfronteiriça em educação superior, no âmbito da expansão/internacionalização das Universidades, se inverte no Cone Sul se comparada à Península Ibérica, pois ao receio de cooptação das populações fronteiriças pela língua por parte de Portugal e do Uruguai, se opõe a densidade demográfica e dimensões territoriais da Espanha e Brasil.

O Uruguai possui uma única Universidade pública, a Universidad de La Republica – UDELAR, cujo processo de internacionalização se dá basicamente através de parcerias com instituições estrangeiras, para qualificação dos docentes no exterior, como o Acordo com a Cordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, retomado em 2007. Já o Brasil foi além, criando novas instituições do gênero, com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, instituído em 2007, enquanto que Portugal e Espanha focam na diplomacia cultural, atraindo alunos estrangeiros, além de trabalharem em rede ou mesmo em consórcio.

Como os mecanismos de concertação próprios à Diplomacia tradicional são muito lentos num mundo cada vez mais dinâmico, e o Brasil não possui instrumento de Diplomacia Cultural propriamente dita, o projeto de internacionalização da Universidade brasileira vai acompanhar o processo de integração regional por meio da Paradiplomacia - como na Europa do Conhecimento –, embora Seabra e Almeida Filho (2012) a denominem de Diplomacia Cultural Universitária que, para nós, é tão somente Diplomacia Universitária, como se verá.

## O caso da Península Ibérica

O Espaço Europeu de Ensino Superior, voltado à regionalização da produção do conhecimento, por vezes assemelha-se aos processos de fusão de empresas, como parece ser o Consórcio UniNorte que, desde 2014 reúne Universidades<sup>1</sup> cuja “...parceria vai permitir a candidatura conjunta a verbas comunitárias, nomeadamente do programa Horizonte 2020, a captação de alunos internacionais e também a partilha ocasional de meios e de alguns docentes.”

Avaliando o Quadro de Referência Estratégico Nacional – QREN 2007/2013, o Observatório QREN manifestou<sup>2</sup> que “A consolidação das redes de equipamentos coletivos deve ser planeada na ótica do serviço e da sua procura e não dos equipamentos e da oferta.”, podendo-se interpretar, quanto às instituições de ensino superior, que se deve melhor distribuí-las naqueles espaços onde há demanda por produção do conhecimento/qualificação de pessoal neste nível, e não investir mais onde já os há e a busca, anualmente, diminui.

Na fronteira Alto Alentejo/Extremadura, os deslocamentos dos alunos portugueses são – por vezes – diários às unidades da Universidade espanhola, pois além da oferta em Portugal – Évora – distar quase 100 km (muito para as dimensões do país) como, também, face ao custo (propinas) menor. Segundo Castro (2013), em números absolutos, os portugueses na Universidade de Extremadura é bastante superior àqueles no Instituto Politécnico de Portalegre, embora vinculados mais à Pós-Graduação, também em face de maiores opções.

Tal situação, aparentemente, é ignorada como potencial de desenvolvimento pelos portugueses, pois conforme Castro (2013: p.168-169):

O fato da diferença entre a dimensão das instituições ser grande deveria ser motivador para o IPPortalegre e as suas unidades orgânicas trabalharem muito mais em parceria com a U.da Extremadura. As parcerias podem trazer uma massa crítica de investigadores, projectos, e mesmo de alunos, que compensem a sistemática e progressiva perda de que a instituição portuguesa tem vindo a sofrer. Apesar de insuficientes, existem alguns acordos entre estas instituições. A partir de 2011 a U.Extremadura e ao IPPortalegre estabeleceram um convénio orientado para vários campos, desde a docência até projectos de investigação conjuntos.

---

<sup>1</sup> Disponível em [http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=4220024](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=4220024) Acesso em 30.10.16

<sup>2</sup> Disponível em

[https://www.google.com.br/?gws\\_rd=ssl#q=RESULTADOS+QREN+Contributos+para+2014%2F2020](https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl#q=RESULTADOS+QREN+Contributos+para+2014%2F2020) Acesso em 30.10.16

Assim, a demanda reprimida em Portugal poderia ser atendida via expansão da oferta *in loco*, num processo multicampi, ou através do deslocamento à Espanha, tarefa que demanda concluir<sup>3</sup>as

...novas acessibilidades de comboio de alta velocidade às duas capitais ibéricas e pela plataforma logística transfronteiriça de Elvas/Caia, e reforçar a cooperação urbana transfronteiriça, quer de proximidade quer de relacionamento dos principais centros do Norte Alentejano (Portalegre e Campo Maior) com as cidades da Extremadura, e de Beja e os outros centros do Baixo Alentejo com as cidades da Andaluzia.

Na Península Ibérica o destaque é para o apoio por parte das Universidades - marcadamente na Galícia/Norte de Portugal - ao circuito superior da economia urbana, beneficiado com recursos para a construção do Laboratório de Nanotecnologia na área têxtil, em Braga, em projeto assessorado pela Universidade do Minho - UMINHO.

Da mesma forma, como se pode ver do Programa JACOBUS<sup>4</sup> – que reúne 7 Universidades desta mesma Euroregião - a esmagadora maioria dos projetos aprovados tem relação com atividades intensivas em capital e tecnologia, características daquele circuito. Já na fronteira Alto Alentejo/Extremadura, o circuito inferior da economia urbana - representado pelo comércio a retalho em Castro (2013) - se encontra em franca decadência, sem qualquer apoio, sob a forma de assessoria/consultoria, por parte das Universidades aí instaladas.

A internacionalização da Universidade nestes locais aposta na atração de alunos das ex-colônias, facilitada pelo custeio de instituições financeiras, como o Grupo Tordesilhas e o Banco Santander, na Espanha. No plano mais regional, concentram os recursos dos Fundos Comunitários em instituições tradicionais, como se pode ver dos objetivos do Consórcio UniNorte, ao invés de dispersá-los pelo território mais necessitado (demanda), identificado como a sua fronteira comum. Nestes espaços, quando a Espanha, por exemplo, oferta cursos de

---

<sup>3</sup> Disponível em [http://www.dgterritorio.pt/ordenamento\\_e\\_cidades/ordenamento\\_do\\_territorio/pnpot/](http://www.dgterritorio.pt/ordenamento_e_cidades/ordenamento_do_territorio/pnpot/) Acesso em 30.10.16

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.gnpaect.eu/es/comunicacion/prensa/noticias/3a-convocatoria-programa-iacobus> Acesso em 30.10.16

português nas suas escolas de ensino básico, Portugal desconfia de intenções de conquista, sem lembrar que são tantas as línguas faladas naquele país que não pode ser esta a marca de sua identidade.

Analisando as mudanças nas relações entre a Universidade e o Estado, Krawczyk (2008: p. 43) afirma que nos anos 1980 (nos países centrais) e 1990 (na América Latina), uma nova lógica passa a presidi-las, constituindo

o terceiro momento de reformas da universidade no século XX, homogeneizada, principalmente, em torno das seguintes características: uma nova lógica de regulação institucional (ancorada na ideia de autonomia avaliada) e a inversão na lógica do serviço educativo, que passou a ser orientado pela demanda **social e do mercado**. (grifo nosso)

A pesquisa de Krawczyk (2008: p.45) acima citada possui um recorte em que a mesma analisa as mudanças nas dinâmicas institucionais das Universidades no contexto do processo de regionalização do MERCOSUL, para tentar aferir da possibilidade de construção de um pensamento social latino-americano, a partir de três dimensões de análise: 1) as políticas governamentais (através das suas agências de fomento); 2) as políticas e práticas das associações interinstitucionais universitárias; 3) as políticas e práticas institucionais das universidades. Isto porque, segundo ela (2008, p.44)

Nos últimos 20 anos, é possível observar também, concomitantemente à formulação de políticas homogeneizantes que atingem as universidades, o esboço de um novo processo de transformação, talvez de “transnacionalização”, na medida em que a universidade começa a sentir as pressões dos Estados, das sociedades e do mercado no contexto do novo estágio da globalização e competitividade internacionais que tem levado à necessidade de integração com outros países para a construção de blocos regionais.

As primeiras duas dimensões parecem ter estreita correlação com os instrumentos de cooperação internacional – em especial transfronteiriça – tradicionais, quais sejam a Diplomacia e a Paradiplomacia. Diz-se “parecem” porque somente se pode ter certeza disso com relação à primeira, cujos resultados parciais Krawczyk (2008: p.50) podem ser assim resumidos, não se tendo notícia de publicação de conclusões quanto às demais, a partir do Projeto de Pesquisa referido:

O escasso diálogo acadêmico do Brasil e a assimetria hoje presente entre os países latino-americanos se manifesta num interesse bastante insipiente (sic) dos docentes e discentes pela cooperação acadêmica com os países latino-americanos.

[...]

A diferença da área comercial, na Universidade no Brasil a construção de laços com acadêmicos da América Latina é ainda muito incipiente.

[...]Isto acontece no marco do re-surgimento do regionalismo como forma de governança global e, ao mesmo tempo, fortalecendo o papel dos governos nacionais no processo de governança regional.

[...]

O Brasil parecera estar buscando construir um processo inédito na América Latina de relações institucionais bilaterais e multilaterais. O objetivo explícito desta iniciativa é construir redes e consórcios regionais de instituições de educação superior ancorada na universidade brasileira.

## **A experiência brasileira**

Krawczyk (2008: p.50) entende que Universidade contemporânea está pautada, qualitativamente, por demandas da sociedade e do mercado, situação que se expressa na expansão do ensino superior brasileiro que, por um lado, busca a inclusão social de segmentos menos favorecidos, proporcionando condições de acesso e/ou permanência em instituições públicas e privadas através do REUNI, do Programa Universidade para Todos - PROUNI, do Programa de Financiamento Estudantil - FIES, do Plano Nacional de Assistência Estudantil - PNAES e da Lei de Cotas. Por outro, cria instituições como a Universidade Federal do ABC – UFABC<sup>5</sup>, voltada prioritariamente à pesquisa no segmento metal-mecânico, mercado daquela região de São Paulo, podendo-se dizer que a Economia do Conhecimento também conhece os dois circuitos de produção e consumo: tomando-se o Ensino como a atividade básica de qualquer instituição universitária, a Pesquisa corresponderia ao circuito superior, em especial pelo uso intensivo de tecnologia, enquanto que a Extensão pertenceria ao circuito inferior, em face da intensividade em mão de obra.

Quantitativamente, quatro projetos se destacam: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, a Universidade Federal da Integração Amazônica - UNIAMA, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA e a Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, cobrindo majoritariamente a fronteira continental de quase 8.000 quilômetros, na busca pela consolidação de uma Diplomacia Cultural, no caso Universitária.

Tratando-se de iniciativa de Estado, no marco da Política Nacional de Desenvolvimento Regional - PNDR<sup>6</sup> brasileira surge, em 2004, a Universidade Federal do

---

<sup>5</sup> Disponível em <http://www.ufabc.edu.br/> Acesso em 30.10.16

<sup>6</sup> Disponível em <http://www.mi.gov.br/politica-nacional-de-desenvolvimento-regional-pndr> Acesso em 30.10.16

Pampa - UNIPAMPA<sup>7</sup>, na fronteira com o Uruguai e com a Argentina: 10 campi, 64 Cursos de Graduação, 02 Doutorados, 11 Mestrados e 27 Especializações: mais de 14.000 pessoas, envolvidas em mais de 1.300 projetos de ensino, pesquisa e extensão, com mais de uma dúzia de Convênios com instituições estrangeiras, propiciando intercâmbio a mais de 250 alunos.

O processo de criação destas novas instituições foi pautado por uma forte participação popular, seja no aspecto locacional, seja na definição dos cursos a serem ministrados, com maiores garantias de mobilização de moradores de pequenos núcleos urbanos, por certo. Nestes, a proposta contou com o apoio dos Municípios através da cessão de imóveis para a instalação das estruturas físicas, como se pode ver do depoimento de Citolin (2013: p.19), acerca da criação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFSS):

A primeira vitória da mobilização foi a inauguração do Câmpus (sic) Erechim do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Após várias sessões abertas à comunidade, três cursos foram escolhidos e implantados nas áreas de metal-mecânica, alimentícia e de vestuário.

É esta autora (2013: p.23), ainda, quem fala da experiência consistente nos Cursos Técnicos Bilíngues, uma iniciativa transfronteiriça levada a cabo nas cidades-gêmeas Santana do Livramento (Brasil)/Rivera (Uruguai) no âmbito da Extensão, já previstos no Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – PDFF:

Com a base econômica voltada à agricultura e à pecuária extensiva, distante da capital gaúcha, Livramento viu o encolhimento de 9% de seus moradores em apenas uma década. Muitos daqueles que deixaram a cidade certamente o fizeram em busca de maior qualificação e trabalho. Perante esse e outros dados preocupantes, levar formação profissional a um contexto tão específico reveste a atuação do Câmpus (sic) Avançado de Sant’Ana do Livramento de expectativas.

A ação de que fala a autora insere-se no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, de 2007, por meio do qual as instituições federais de Educação Profissional e Tecnológica foram reorganizadas sob um novo modelo, denominando-as de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFETs<sup>8</sup>, cuja missão deve pautar-se, dentre outros objetivos, por

---

<sup>7</sup> Disponível em <http://novoportall.unipampa.edu.br/novoportall/> Acesso em 30.10.16

<sup>8</sup> Disponível em [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/ifet\\_bases.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/ifet_bases.pdf) Acesso em 30.10.16

Ofertar educação profissional e tecnológica, como processo educativo e investigativo, em todos os seus níveis e modalidades, sobretudo de nível médio; orientar a oferta de cursos em sintonia com a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos locais; estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo e o cooperativismo, apoiando processos educativos que levem à geração de trabalho e renda, especialmente a partir de processos de autogestão.

[...]

...de acordo com as demandas de âmbito local e regional, e **oferecer programas de extensão**, dando prioridade à divulgação científica. (grifo nosso)

Na segunda fase do REUNI, os IFETs foram contemplados, oportunidade em que foi criado o Campus Avançado de Sant´Ana do Livramento (RS) - CASL, onde o Curso Bilíngue veio a desenvolver-se, sendo que a meta<sup>9</sup> era a construção de mais 150 novas unidades, perfazendo um total de 354 unidades, até o final de 2010, cobrindo todas as regiões do país, oferecendo cursos de qualificação, de ensino técnico, superior e de pós-graduação, sintonizados com as necessidades de desenvolvimento local e regional.

As propostas, porém, de Cursos Técnicos Bilíngues - em Informática para INTERNET e Controle Ambiental - foram, quase que na sua totalidade, conduzidas e oficializadas no âmbito local, sendo citado como o documento seminal uma Ata de Entendimento firmada por ocasião de uma reunião em Montevideu (Uruguai), na Embaixada do Brasil, onde compareceram representantes da Agência Brasileira de Cooperação – ABC, do Ministério de Reações Exteriores do Brasil, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC do Ministério da Educação – MEC brasileiro e do Consejo de Educación Técnico-Profesional – Universidad del Trabajo del Uruguay – CETP-UTU. A isto seguiu-se um Acordo Interinstitucional entre o IFSul e o CETP-UTU e, finalmente, outra Ata de Entendimento, que concretizou as tratativas, em 2010, sendo interessante notar o que dispõe a legislação educacional uruguaia com relação à celebração de Acordos de cooperação internacional na matéria, citada por Citolin (2013: p.51):

*El Estado al definir a política educativa nacional promoverá que la educación sea concebida como un bien público y que la cooperación internacional sea coadyuvante a los fines establecidos (...) No subscribirá acuerdo o tratado alguno, bilateral o multilateral, con Estados u (sic) organismos internacionales, que directa o indirectamente signifiquen considerar a la educación como un servicio lucrativo o alentar su mercantilización.*

---

<sup>9</sup> Disponível em [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico\\_educacao\\_profissional.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf) Acesso em 30.10.16

O projeto-piloto estava baseado em uma série de acordos bilaterais anteriores, destacando-se, dentre seus Objetivos, a incorporação de processos de pesquisa e extensão do desenvolvimento local para que a formação de recursos humanos se dê em áreas que contemplem essa necessidade e a promoção da mobilidade de estudantes, técnicos e docentes, através de distintas modalidades, entre outras, intercâmbio, visitas didáticas, fóruns, seminários, exposições que contribuam para aprofundar a identidade regional.

Ora, a Extensão na América Latina, caracterizada pela interação comunitária, é o eixo do tripé que embasa a educação que mais se presta aos designios de integração que, favorecida, também, pela mobilidade acadêmica através das mais diversas modalidades, pode sim conduzir à construção de uma identidade que, sendo regional, não relega a segundo plano aquela denominada nacional, pois que exercidas em espaços e momentos distintos.

Conforme Braga (2013: p.14), “As relações se fundam sobre a identidade nacional, mas podem se transformar em função das dinâmicas próprias do lugar de interesses e experiências compartilhados pela presença constante do outro.”, sendo este o caso das cidades gêmeas, onde a Paradiplomacia tem sido praticada, ainda que condicionada pelas Políticas de Governo, limitando assim a autonomia institucional dos agentes públicos.

As hipóteses levantadas pela autora, dentre outras, eram 1) se o ensino de línguas pode favorecer a atuação profissional no país vizinho e 2) quais as características da ação docente compartilhada nos cursos binacionais, as quais constituem aspectos relevantes para o presente Estudo de Caso. Quanto à primeira, Braga (2013: p.90) relata a fala de um aluno uruguaio, que denota o quanto o imaginário social está povoado pela ideia de que estudar profundamente uma língua induz à ascensão social: “Professora, se eu aprender a vender em português, fico rico.” Isto corrobora a ideia de que o oportunismo – e não o cosmopolitismo - é que se encontra na base da apropriação espacial que as relações estabelecidas pelo circuito superior da economia urbana nestes aglomerados revelam, já que o preconceito com relação ao uso do Dialeto Português do Uruguai - DPU por parte dos dos mais pobres é uma realidade incontestável na região, o que tem consequências muito sérias em termos de mobilidade social.

Já quanto à hipótese acerca da caracterização da ação docente, esta se revelou potenciadora de uma autonomia, não identificada *a priori*, provavelmente, pois que a partir de uma disciplina instrumental – língua – em um Curso Técnico, o grupo de professores por ela responsável revolucionou toda a estrutura e funcionamento estabelecidos de forma padrão, forte

na convicção de que os saberes docentes são plurais, ou seja, são construídos a partir daqueles, segundo Tardif (2002) ditos “da formação profissional”, acrescidos dos “disciplinares”, “curriculares” e “experenciais”, todos eles indispensáveis à consolidação de uma autonomia que, senso característica fundamental das Universidades, conduz à ideia da Diplomacia Universitária.

Isto, porém, não significa improviso, mas sim reflexão conjunta e construção, que foram desde material de apoio até metodologias diferenciadas, pois a especificidade das turmas binacionais na fronteira assim o demandavam, ou seja, independentemente das diretrizes das Políticas de Governo que, sendo gerais, pautam a atuação do Estado, seja na Diplomacia tradicional, seja na Cultural, seja, ainda, na Paradiplomacia.

E tal comportamento pautou, conforme Braga (2013: p. 141), as “...reuniões de áreas, diálogos e debates entre o grupo de professores, as produções acadêmicas colaborativas e as pesquisas realizadas.”, envolvendo, ainda, uma dimensão coletiva, resultando em “aprendizagens significativas de professores e alunos, mudanças no currículo e nas práticas docentes.”, situações possíveis somente na presença da autonomia que apenas a Universidade se permite enquanto instituição do Estado.

Por fim, a autora (2013, p.142) faz uma análise acerca do ambiente em que se deu a experiência, tomando por parâmetro as categorias lugares, espaços e territórios, utilizadas pelo Grupo de Pesquisa “Formação de Professores, ensino e avaliação”, coordenado por Maria Isabel da Cunha, na compreensão de que os primeiros são portadores de potencialidade em termos de pertença, apropriação; os segundos efetivam este sentimento e os últimos funcionam por meio de escolhas, intencionalidade, confronto de forças: autonomia. Disto deduz que as professoras uruguaias parecem identificar como lugar de formação o CASL e não o CEPT-UTU, o qual seria ainda um espaço, e não um território, como este.

## **Considerações finais**

Assim, o que se vê são modelos que em parte se replicam, pois que ambos os processos de integração (União Europeia e MERCOSUL) estruturam sistemas de educação separados por segmentos (ensino e pesquisa), inclusive, mas em escalas espaciais distintas, em razão de que o projeto comunitário vive a fase da Europa das Regiões e o MERCOSUL continua

no âmbito de territórios marcados por identidades nacionais e relações intergovernamentais onde a fronteira geográfica ainda tem o seu peso, exigindo, então, a presença da Diplomacia.

Neles as zonas fronteiriças assumem significado enquanto espaços de cooperação em qualquer matéria, e, ao contrário de Portugal, fazendo fronteira com praticamente todos os países da América do Sul (10 dos 12), o Brasil, enquanto mantém as históricas relações com a Europa e Estados Unidos nos domínios científicos tradicionais destes, expande sua rede de ensino superior federal, especialmente à sua raia continental.

Já as iniciativas na área da educação superior - especificamente na fronteira Brasil/Uruguai - se destacam por uma série de atividades de Extensão, na sua modalidade “interação comunitária” (inclusive binacional), servindo de apoio ao circuito inferior da economia urbana, seja no caso dos projetos voltados à agricultura familiar que abastece de alimentos as cidades, seja na formação de técnicos de nível médio - como acima visto - em detrimento do circuito superior (agronegócio de exportação).

A internacionalização, então, é feita mediante a expansão da rede de ensino superior pública, através da instalação de *campi* em cidades de fronteira, o que, além de atender a uma demanda reprimida, desenvolve economicamente a região através do comércio e serviços associados a esta atividade, como habitação, alimentação, vestuário e lazer, por exemplo.

Tudo isso por força de uma política cultural subjacente, que não se manifesta por meio da Diplomacia dita tradicional e mesmo a cultural, mas sim pela afirmação da autonomia universitária que faz destes locais espaços de interação que, a par de provincianos, são cosmopolitas: para aí dirigem-se estudantes brasileiros, da região e de fora, em função do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, e ainda estrangeiros, representados não só por aqueles moradores dos países limítrofes como, também, por enorme contingente de árabes e chineses, por exemplo, que normalmente aí se estabelecem, por questões históricas, restando, assim, investigar princípios e instrumentos desta nova forma de Diplomacia, dita então Universitária.

## **Referências**

Braga, Andrea da Costa. 2013. *A espacialização de trocas multiculturais em conurbações internacionais da fronteira Brasil-Uruguai* (Tese de Doutorado, UFRGS). Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/85203>

Castro, Miguel. 2013. *A fronteira Portugal/Espanha, 18 anos depois de Schengen - O caso de Portalegre/Elvas – Valência de Alcântara/Badajoz*. (Tese de Doutorado Universidade de Lisboa). Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8737>

Citolin, Cristina Bohn. 2013. *Eu falo, tu hablas, vos hablás, nós ensinamos e aprendemos juntos: aulas de línguas em cursos binacionais* (Tese de Doutorado, UNISINOS). Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3210>

Krawczyk, Nora Rut e Vera Lúcia Vieira. 2008. *A reforma educacional da América Latina nos anos 1990: uma perspectiva histórico-sociológica*. São Paulo: Xamã.

Santos, Fernando Seabra e Naomar de Almeida Filho. 2012. *A quarta missão da Universidade: internacionalização universitária na sociedade do conhecimento*. Brasília: Editora UnB.

Tardif, Maurice. 2002. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.